

BURGUESES E OPERÁRIOS:

A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL DO ANTIFASCISMO

SOCIALISTA ITALIANO

SÃO PAULO, 1923-1934

JOÃO FÁBIO BERTONHA*

Introdução

No decorrer dos anos 20 e 30, um confronto em especial marcou a coletividade italiana de São Paulo: o havido entre fascistas e antifascistas. De fato, fascistas e antifascistas disputaram, por anos a fio, os corações e as mentes dos italianos locais, deixando profundas marcas na vida da coletividade e gerando a elaboração, pela historiografia, de diversas análises que procuravam dar conta de explicar essa situação vivida pela colônia¹.

Tais textos sobre a ação do fascismo e do antifascismo italianos no Brasil são de grande importância, permitindo-nos visualizar a intensa luta que se travava na comunidade italiana de São Paulo naqueles anos. Uma limitação é visível, porém, nesses textos: é mais fácil extrair deles informações sobre o discurso e as propostas dos grupos fascistas e antifascistas (o que, sem dúvida, é importante, mas não basta) do que

* Doutorando em História Social pela Universidade Estadual de Campinas.

¹ Cf. Ângelo Trento, *Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil*, São Paulo, Nobel/Instituto Italiano de Cultura, 1989, e nossa dissertação de mestrado: "O antifascismo socialista italiano de São Paulo nos anos 20 e 30", Campinas, UNICAMP, 1993.

efetivamente levantar dados sobre a repercussão desse discurso e dessas propostas entre os italianos de São Paulo. Como conciliar a nossa necessidade de investigar a repercussão do fascismo e do antifascismo entre os italianos de São Paulo, se as fontes mais imediatamente disponíveis, os jornais fascistas e antifascistas, não fornecem - segundo uma linha historiográfica mais tradicional - informações diretas sobre isto? Uma contradição aparentemente intransponível se instaura entre necessidade e possibilidade.

Tal contradição deve, porém, ser relativizada. As informações constantes nos jornais devem, claro, ser contrapostas e complementadas ao maior número possível de outras fontes, mas é importante notar que elas são relevantes e que nos fornecem indícios de como as idéias fascistas e antifascistas foram absorvidas na São Paulo dos anos 20 e 30. É na tentativa de demonstrar isso que esse artigo foi escrito. Para o melhor aproveitamento do texto seria conveniente, porém, explicar, antes de mais nada, quem são os antifascistas cuja representatividade social estamos estudando.

Tal tarefa é realmente prioritária quando sabemos que não existia um movimento antifascista único, mas sim uma série de grupos antifascistas com propostas e origens diversas. Nesse sentido, destacamos que os antifascistas estudados nesse texto são os ligados ao socialismo italiano. Tais socialistas - divididos entre o grupo de Piccarolo e Mariani, ligados à "Concentrazione Antifascista" de Paris e o grupo do conde Frola - foram de fundamental importância na luta antifascista no Brasil, sendo dignos, portanto, de um estudo mais detalhado. Será a repercussão das idéias desse grupo, vista a partir de seus jornais (como o *La Difesa* e o *Il Risorgimento*) que será vista neste trabalho.

Dessa forma, o artigo se desenvolverá visando a delimitação da capacidade de influência dos socialistas em direção aos diferentes grupos

sociais que formavam a coletividade italiana nos anos 20 e 30 (burguesia industrial, classes médias e operariado) e a definição de sua real base social. Também levantaremos algumas informações sobre a relação do grupo com os políticos brasileiros. É nossa pretensão que este texto colabore para demonstrar a viabilidade de estudos desse tipo, enriquecendo e ampliando uma realidade histórica que apenas começamos a delinear.

O antifascismo socialista e o operariado

Ao nos debruçarmos sobre a luta dos antifascistas italianos em São Paulo surge imediatamente uma questão: até que ponto os esforços antifascistas para atingir as centenas e centenas de milhares de italianos que viviam em São Paulo foram bem sucedidos? Ou, em outras palavras, até que ponto o discurso desses antifascistas teve repercussão popular?

Em primeiro lugar, deve-se ter claro que os objetivos dos antifascistas no tocante à formação de uma base popular parecem ser dúbios: de um lado, procurava-se salvar do fascismo a colônia italiana como um todo, recolocando-a no estado de concórdia e amizade que havia antes que esse resolvesse conquistá-la². Ao mesmo tempo, porém,

² Essa visão da colônia como um local de concórdia no período pré-fascista é manifesta em diversos momentos nos jornais antifascistas. Cf., por exemplo, "I consoli del fascismo", *Il Risorgimento*, 18 de julho de 1929 e "Colônia italiana e bivacchi fascisti", *La Difesa*, 22 de abril de 1928.

são emitidos sinais de preocupação com a causa dos trabalhadores³, sendo dirigidos apelos específicos em direção a eles.

E como teria sido a recepção, no caso dos operários de origem italiana⁴, às propostas desses antifascistas? É praticamente impossível ter conclusões definitivas a partir de fontes tão limitadas nesse aspecto, como os jornais, mas, se nos restringirmos a eles como fonte informativa, teremos evidências de uma penetração muito escassa da propaganda antifascista no seio do operariado. Para demonstrar isso, vamos examinar o relacionamento de cada um dos grupos antifascistas com o operariado. E isso em dois níveis: na relação com os organismos do movimento operário em São Paulo e com o proletariado propriamente dito.

Iniciemos pelo grupo Piccarolo, no qual identificamos pouco ou nenhum relacionamento com o operariado. De fato, à parte algumas menções a "operários" nas listagens e subscrições dos jornais, há pouquíssimos indícios de qualquer articulação deste grupo de antifascistas com organismos e associações de origem operária em São Paulo. Claro que a adesão dos operários poderia ter-se dado de forma direta, mas o fato é que simplesmente não há sinais de adesão maciça e concentrada de operários em torno dos jornais e organismos desse grupo

³ Cf. "Unione Democratica Italiana di San Paolo - manifesto ai lavoratori italiani nel Brasile", *La Difesa*, 2 de setembro de 1926 e "Grupo Socialista Giacomo Matteotti", *La Difesa*, 25 de janeiro de 1931. Ainda nos anos 30, a LIDU paulistana promoverá uma série de cursos específicos para os operários, ministrados por Piccarolo, Mariani, Cilla e outros. Cf. "LIDU - Il programma dei corsi di cultura", *La Difesa*, 27 de junho de 1931 e "La ripresa dei corsi di cultura operaia", *L'Italia*, 1 de maio de 1932.

⁴ Não se esqueça, a propósito, o fato de o grosso do operariado paulista ser, ainda nos anos 20, majoritariamente de origem italiana, o que demonstra a amplitude do objetivo a que os jornais antifascistas se propunham. Veja-se, a propósito, Sheldon Maram, *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário no Brasil*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, e Michael Hall, "Italianos em São Paulo", *Anais do Museu Paulista*, 29, 1979.

de antifascistas.

Com o grupo de Frola, a situação, ao menos em parte, se modifica. Frola, coerentemente com sua política de associar todas as forças na luta contra o fascismo, tem um contato muito maior que Piccarolo com os organismos operários. Começam a aparecer no *La Difesa* na gestão Frola, de fato, anúncios de organismos como a União dos Trabalhadores Gráficos, União dos Canteiros e outros, e surgem sinais de alguma colaboração entre esses órgãos e o *La Difesa*⁵. Frola procurou abrir, portanto, a base de apoio dos trabalhadores ao jornal e isso é relevante.

Essa mesma abertura é identificável no grupo Mariani entre 1930 e 1934. De fato, Mariani, Cilla e os outros líderes da segunda fase da Concentrazione no Brasil percebem, motivados por acontecimentos locais e internacionais, a necessidade de ampliar os contatos com outras forças políticas e sociais no intuito de combater o fascismo. Isso se transmutou num contato muito maior com os organismos operários de São Paulo⁶. Essa mudança de rota da Concentrazione no Brasil é tão inesperada que os concentracionistas que antes, na fase Piccarolo, mal mencionavam os conflitos operários, agora se envolvem nesses conflitos a tal ponto que são acusados de neles tomar partido⁷.

⁵ Ver a participação do *La Difesa* em um comício pró-Sacco e Vanzetti em 1927. Cf. "Comizio per Sacco e Vanzetti", *La Difesa*, 22 de maio de 1927.

⁶ Os jornais *La Difesa* e *L'Italia* (versão diária do *La Difesa* surgida nos anos 30) passam, de fato, a servir de instrumentos para organismos operários como os sindicatos dos têxteis, dos gráficos e dos padeiros. Cf. "Unione dei Lavoratori Grafici", *L'Italia*, 2 de fevereiro de 1932. Surge também uma "Coluna Operária" no *L'Italia* e são bem mais frequentes as notícias sobre comícios operários. Cf. "Movimento Operaio", *L'Italia*, 13 de janeiro de 1933.

⁷ Cf. "Una rettifica", *L'Italia*, 10 de março de 1932, onde alguns operários acusam o jornal de apoiar

Vemos, assim, como o antifascismo de Frola e o de Mariani ampliam de forma substancial os contatos com o movimento operário paulistano. Ainda assim, não há sinais de adesão direta e maciça de operários de origem italiana ao antifascismo desses grupos. Aumentam, sim, as menções a "operários" nas listagens e subscrições do *La Difesa* (o que indica, a nosso ver, um maior sucesso de Frola e Mariani entre os proletários de origem italiana), mas não ao ponto de alterarmos nossa visão anterior: os antifascismos de Frola e Mariani tem menor dificuldade para atingir os operários de origem italiana de São Paulo que o de Piccarolo, mas, ainda assim, não conseguiram estimulá-los suficientemente para que sua participação desse uma maior base de massa ao antifascismo.

Nessa altura, convém esclarecer um ponto. Ao colocarmos que os operários ítalo-brasileiros não parecem se interessar pelo antifascismo professado pelos socialistas italianos de São Paulo, não queremos concluir, a priori, que eles não se interessavam pela questão do fascismo ou do antifascismo em São Paulo, ou que eles tenham se fascistizado e, por causa disso, recusado a mensagem do antifascismo. Ainda não temos dados empíricos suficientes para afirmar nada disso. Tudo o que podemos dizer, à luz do material pesquisado, é que os socialistas italianos de São Paulo não conseguiram entusiasmar o suficiente os operários de origem italiana para que estes tivessem uma participação mais ativa no movimento, de forma a transparecer isto nas páginas do jornal.

Posto isso, resta buscar o porquê dessa situação. No caso do grupo Piccarolo, entendemos que duas observações sobre a maneira como o *La Difesa* do período de Piccarolo (1923-1926) e o *Il*

a Federação Operária de São Paulo e a resposta do jornal em "Federação Operária de São Paulo - Uma Declaração necessária", *L'Italia*, 13 de janeiro de 1933.

Risorgimento abordam as questões relativas aos trabalhadores podem nos esclarecer um pouco sobre o porquê dessa aparente indiferença. Em primeiro lugar, é interessante notar a sua concentração de "críticas de classe" no contexto italiano. De fato, não só as críticas em relação aos conflitos capital x trabalho no Brasil são praticamente inexistentes, como a situação brasileira é apresentada até como rósea frente à italiana⁸, o que reflete tanto o fato de grande parte dos articulistas do jornal estarem no exterior, como nos indica uma grande complacência com a burguesia paulista, sobre a qual voltaremos a fazer referência ainda nesse texto.

Já o segundo ponto digno de nota é uma observação sobre o teor do discurso que aparece nos jornais ligados a Piccarolo. Ele parece ser mais um discurso sobre os operários que efetivamente para os operários. É uma posição bastante imbricada com o pensamento e a ação que eles imaginavam dever ter - a "ação educativa" no lugar da ação sindical direta, o "pacifismo" frente ao Brasil, etc - e moderada a tal ponto que parece ter levado ao menos parte dos leitores à irritação, como demonstra a seguinte carta:

"Professor, mas para ensinar materialmente a verdade (...) o bom senso nos encaminha direto ao ponto (...) com retórica e similares tão difíceis para o ignorante nós passamos nele o conto do vigário. Não precisamos das palavras triviais, grossas e inúteis daquele jornal, mas de canhões, bombas, metralhadoras e fogo para demolir o universo e reconstruí-lo perfeito e igualmente justo. Com isso, queira suspender a assinatura de //

⁸ Cf. a coluna "Nel fronte unico", *Il Risorgimento*, 1 de maio de 1929, onde se escreve que no Brasil as greves são possíveis (dá-se o exemplo dos tipógrafos) e que se uma greve como essa ocorresse na Itália, os grevistas já estariam presos ou apanhando.

Risorgimento ao meu endereço. A.V., Rua 21 de abril, Braz"⁹

Entendemos, portanto, que o discurso dos antifascistas ligados a Piccarolo era dissociado da realidade brasileira e excessivamente teórico, de tal forma que não respondia aos anseios e necessidades do proletariado de origem italiana na São Paulo dos anos 20. Isso parece ter conduzido, se não a uma aversão, ao menos à indiferença da maior parte dessa população à sua propaganda.

No caso do grupo Frola, a mesma preocupação de não interferência nos assuntos brasileiros que identificamos no tocante a Piccarolo permanece: Frola também faz pouca ou nenhuma referência às lutas operárias no Brasil¹⁰ e as suas posições políticas, por mais radicais que pudessem parecer perto do socialismo ultra-reformista e do excesso de moderação de Piccarolo, não abandonavam a classificação de socialismo moderado. É nossa hipótese que essa dissociação da realidade brasileira e a defesa de um socialismo moderado num ambiente pouco apto a aceitá-lo¹¹ foram fatais para o esforço do socialismo italiano de São Paulo (seja o de Frola seja o de Piccarolo) em atingir os operários.

⁹ Cf. "Urge un'opera educativa", *Il Risorgimento*, 1 de agosto de 1929. Note-se, aliás, que o italiano utilizado na carta é bastante simples e com erros (o que indica uma origem popular do remetente) e que o leitor vai contra tanto as infinitas discussões e teorias do *Il Risorgimento* como as grosserias e xingamentos do *La Difesa* no período Frola ("aquele jornal").

¹⁰ A única exceção ("Il fascismo invade le fabbriche di São Paulo", *La Difesa*, 29 de janeiro de 1928) se refere às fábricas italianas de São Paulo submetidas ao fascismo.

¹¹ É nossa impressão que o predomínio anterior do anarco-sindicalismo no seio do operariado ítalo-paulista deve ter gerado, entre estes, um sentimento difuso antifascista (difícil de avaliar e confirmar devido à ausência de registros) e uma resistência a associações com os socialistas ítalo-brasileiros, o que ajudaria a explicar - caso se confirme a hipótese - o seu isolamento frente aos operários. Sobre o predomínio do anarco-sindicalismo entre o proletariado paulista no início do século XX, ver Michael Hall, "Urban Labor" In M. Conniff (org), *Modern Brazil: Elites and Masses In Historical Perspective*, Lincoln, University of Nebraska Press, 1989, e Sheldon Maram, citado.

A confirmar essa hipótese de que os sucessos e os fracassos do antifascismo em relação ao proletariado estão intimamente relacionados com sua abordagem do problema social nos anos 20 e 30 está o grupo Mariani. Como ressaltado antes, ele e seu grupo abandonam o isolacionismo de Piccarolo e abrem as portas de seus jornais a alguma divulgação das lutas operárias no período¹². Não é por acaso, pois, que seu grupo parece ter uma penetração maior entre o operariado: falando uma linguagem mais próxima e abordando os problemas mais diretamente relacionados a esse operariado, seu grupo conseguiu uma maior presença que os grupos de Piccarolo e Frola¹³.

Ressalte-se, nesse ponto, que não chegamos a defender que o grupo Mariani tenha conseguido uma popularidade maciça entre os operários de origem italiana. Tudo o que podemos afirmar é que a popularidade do grupo Mariani entre os operários parece ter sido um pouco maior, sem nada que indique uma base popular operária maciça. Isso coloca o grupo Mariani no mesmo nível dos outros grupos.

Descartada a hipótese de que o operariado fornecesse o núcleo da base popular do antifascismo, resta a questão: quem, então, eram os

¹² Ainda assim, o jornal mantém seu caráter de órgão do antifascismo, criticando especialmente as condições de vida e de trabalho nas fábricas de italianos convertidos ao fascismo como Matarazzo, Crespi, Pirelli, etc. Cf. "L'agitazione degli operai tessili", *L'Italia*, 19 de fevereiro de 1932; "La pretese della Società fascista Pirelli", *L'Italia*, 29 de fevereiro de 1932; "La protezione ai lavoratori minorenni" *La Difesa*, 8 de março de 1932, entre outros.

¹³ Registre-se que o fato de Mariani ter uma penetração diferente no seio do operariado talvez reflita não só uma concepção diferente desse líder do antifascismo relativa à questão operária mas também uma diferenciação temporal: as dificuldades aqui apresentadas de Frola e Piccarolo em atingir os operários se referem aos anos 20, enquanto a ação de Mariani se dá nos anos 30, o que pode significar diferenças de contexto relevantes.

leitores dos jornais antifascistas? É uma pergunta difícil de ser respondida com algum grau de certeza, mas que merece mais alguma atenção de nossa parte.

O antifascismo socialista italiano e a burguesia industrial

Segundo Bruno Tobia¹⁴, nós não podemos fazer associações mecânicas do tipo "financiadores x = escolha política y", mas ele demonstra como as fontes financeiras de um movimento podem nos dizer muito sobre a penetração e eficácia política do mesmo, servindo de sólido indício da vitalidade das relações entre esse movimento e os destinatários de sua propaganda, ou seja, aqueles que ele pretende representar.

É nesse sentido - no de conhecer o significado e os limites do antifascismo - que procuramos trabalhar com as duas informações básicas, em termos de origem dos recursos financeiros do movimento, que aparecem nos jornais antifascistas, a saber, os anúncios e as subscrições. Avançar nas páginas de anunciantes do *La Difesa* e do *Il Risorgimento* a partir de 1928 é, realmente, uma experiência interessante, instrutiva e que pode nos ensinar muito sobre os antifascistas que estamos estudando.

A primeira característica que nos salta aos olhos quando examinamos as páginas de anúncios desses jornais é a ausência de grandes empresas, sejam elas brasileiras ou italianas. De fato, com exceção de algumas presenças esporádicas, não há grandes empresas anunciando em nenhum dos jornais antifascistas. Essa situação apenas

¹⁴ Bruno Tobia, "Il problema del finanziamento della Concentrazione d'azione antifascista negli anni 1928-1932", *Storia Contemporanea*, 9 (3), 1978.

nos confirma um dado já bastante visível quando trabalhamos com os materiais fascistas: o sólido e maciço apoio da poderosa elite industrial ítalo-paulista à ação do fascismo em São Paulo¹⁵ e a sua total negação do antifascismo¹⁶. Não se repetirão no *Il Risorgimento* e no *La Difesa*, assim, a multiplicidade de anúncios dos grandes grupos empresariais ítalo-brasileiros que povoarão a imprensa fascista nos anos 20 e 30 e mesmo os jornais do próprio Piccarolo do período anterior. Não será entre os Matarazzos e Crespis de São Paulo que os antifascistas encontrarão o seu Torquato di Tella¹⁷...

O fato de os membros da elite ítalo-paulista apoiarem vigorosamente o fascismo levou, como seria de se esperar, a profundas

¹⁵ Além de inúmeros dados nesse sentido, temos também uma confirmação de uma pessoa que viveu o período. D. Lélia Abramo, em seu depoimento a nós concedido em 17 de dezembro de 1992, ressaltou, de fato, a íntima ligação da burguesia ítalo-paulista da cidade de São Paulo com o fascismo. A questão parece ser, cada vez mais, não como os empresários de origem italiana reagiram ao fascismo mas por que reagiram favoravelmente. Uma nota: D. Cezira Curty, que participou das atividades do fascio campineiro nos anos 30 e que nos concedeu uma entrevista em 18 de maio de 1992, negou categoricamente a relação entre o fascismo e uma classe social específica em Campinas. Claro que isso era esperado de uma pessoa na sua condição de participante do cerimonial fascista, mas talvez seja um sinal de que a relação dos italianos com o fascismo tenha sofrido recortes diferenciados na cidade de São Paulo e nas pequenas comunidades de imigrantes italianos espalhados pelo interior do Estado.

¹⁶ Aparentemente, a mesma situação de apoio maciço da elite econômica ao fascismo se repetirá nos Estados Unidos. Cf., a respeito, Elena Aga Rossi e Philip Cannistraro, "La politica etnica e il dilemma dell'antifascismo italiano negli Stati Uniti: il caso di Generoso Pope", *Storia Contemporanea*, ano 17, número 2, abril de 1986.

¹⁷ A alusão faz referência a Torquato di Tella, grande empresário ítalo-argentino que teve papel fundamental no sustento da Concentrazione em Paris no final dos anos 20 e início dos 30. Cf. Bruno Tobia, *Op.cit.* e Thomas Child Cochran, *Capitalism In Argentine culture: a study of Torquato di Tella and SIAM*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1962.

manifestações, por parte dos antifascistas, contra essa elite. Tais manifestações variaram muito, porém, para cada grupo antifascista. Vejamos caso a caso.

O grupo Piccarolo perceberá desde cedo¹⁸ a ligação entre a burguesia industrial de origem italiana e o fascismo, e se manifestará contra ela. Abra-se um parêntese para ressaltar, porém, que a posição anti-"graúdos" (que é como os antifascistas chamavam os industriais de origem italiana) do antifascismo centrado em Antonio Piccarolo não se deveu a incompatibilidades ideológicas intransponíveis. Pelo contrário. Não apenas o *Il Risorgimento* evita associar de forma muito direta a burguesia italiana com o fascismo (considerando-a mais uma inocente útil nas mãos dos fascistas¹⁹) como transfere tal pensamento ao caso brasileiro. De fato, os grandes empresários italo-brasileiros de São Paulo, que ajudaram a sustentar os fascistas, são sim criticados, até por coerência de discurso (como negar ou ignorar um fato tão evidente como o apoio da elite ao fascismo?), mas essa crítica é muito leve, com os empresários sendo considerados também aqui vítimas inocentes do fascismo²⁰, atraídos por indolência e ambição²¹ e extorquidos sem dó²². A impressão que se passa é que o grupo de Piccarolo não consegue compreender o porquê de os "graúdos" não cederem seu apoio a eles, a despeito da moderação que eles já demonstraram ter, sendo seu esforço

¹⁸ "Lettera aperta ad alcuni "graúdos" protettori del fascismo", *La Difesa*, 15 de novembro de 1925.

¹⁹ Labriola, Arturo. "Dall'oligarchia all'fascismo", *Il Risorgimento*, 13 de dezembro de 1928.

²⁰ Eles seriam obrigados a aceitar os inúteis fascistas em suas empresas e ceder recursos, sob pena de prisão ou boicote. Cf. "Chediamo la protezione delle leggi brasiliane contro le insidie del fascismo", *Il Risorgimento*, Suplemento Especial, 26 de setembro de 1928.

²¹ "Le prime responsabilità. Ai maggiorenti della colonia", *Il Risorgimento*, Suplemento Especial, 26 de setembro de 1928.

²² Cf. "Rubrica del Combattente", *Il Risorgimento*, 30 de maio de 1929.

contínuo para chamar os "graúdos" à ordem e à racionalidade:

"Queremos falar das ajudas, dos encorajamentos e subsídios que o fascista encontrou entre a classe rica da colônia italiana; queremos falar daqueles que, aos aventureiros fascistas, mesmo aos que se apresentavam em vestes de assassinos, deram os meios para que se desenvolvessem. São coisas sabidas (...). Nós sempre insistimos sobre esse ponto e dizemos claramente aos maiores da colônia, àqueles que com seus capitais dão ao fascismo os meios para que este mantenha a sua propaganda: Prestem atenção na responsabilidade que vocês assumem"²³

O artigo "Al signor Graúdo" reforça ainda mais em nós a impressão de que o grupo de Piccarolo não entende o porquê de os "graúdos" não aceitarem a mão que eles mantêm estendida. Nesse artigo, se diz que, seja na Itália, seja no Brasil, os "graúdos" estão sempre do lado dos vencedores e que essa política talvez funcione com regimes liberais. Com governos de perseguição e ódio, porém, não darão certo: assim como o Kaiser e Napoleão caíram, o fascismo, pela lei da evolução histórica, cairá. E então "nós, antifascistas",

"(...) recordaremos que vocês foram instrumento tácito de perseguição. Recordaremos que vocês colaboraram na destruição da paz a tantos trabalhadores pobres, réus de haver um cérebro pensante. Recordaremos o seu servilismo frente a quem tinha as mãos manchadas no sangue dos irmãos. Recordaremos que vocês, ricos e independentes, teriam podido frear os abusos e eliminar as injustiças e, ao invés disso, foram desses atos cúmplices. Recordaremos que vocês protegeram desertores e delinquentes. Recordaremos tudo isto e ainda

²³ Cf. "Le prime responsabilità. Ai maggiorenti della colonia", citado.

mais"²⁴

Com essa recordação da culpa, as conseqüências seriam nefastas para todos. O jornal pede, portanto, por atenção e avisa: "Ainda há tempo de arrependimento!!!"

O grupo de Piccarolo, portanto, não apenas aceita a colaboração com a elite como a deseja²⁵. O fato de ele não conseguiu-la é um indicativo mais que precioso do quanto o fascismo teve receptividade entre essa burguesia ítalo-brasileira e de como não bastava um movimento ser moderado e defensor do nacionalismo italiano para ser simpático a ela. A rede de relações que leva os "graúdos" a apoiarem o fascismo parece ser, assim, mais complexa do que se imagina.

No tocante ao grupo Frola, os dados disponíveis indicam uma mudança de atitude com relação aos "graúdos". Os artigos não apenas se tornam mais violentos contra eles²⁶, como também mais diretos:

"Os graúdos, para satisfazer as suas tolas ambições, arrastariam as filhas para as alcovas dos imundos gerarcas do litório. Os graúdos são a causa principal da decadência moral e política da colônia. Habitados aos negócios mais indignos, mediante os quais enriqueceram, eles negociaram com o Judas fascista a honra da nossa gente e a entregaram em correntes. As sociedades italianas (...) se tornam igualmente antros de camisas negras. Culpa dos "graúdos" que com a traição

²⁴ Gavroche. "Il signor Graudo", *Il Risorgimento*, 16 de fevereiro de 1928.

²⁵ O que não é espantoso, dado o excelente relacionamento que Piccarolo sempre teve com esta elite. Cf. seu livro *Gli italiani nel Brasile (Dalla scoperta ai nostri giorni)*, 2 vs, São Paulo, sem editora, 1922/24.

²⁶ "La caccia al blasone", *La Difesa*, 3 de fevereiro de 1929; "Martinelli", *La Difesa*, 10 de fevereiro de 1929 e "Il prossimo crollo della Banca popolare", *La Difesa*, 24 de fevereiro de 1929, onde se critica violentamente os "graúdos" como usufruidores e sequazes do fascismo.

obtiveram as moedas e as coroas"²⁷

O grupo de Frola continua a relacionar o apoio dos graúdos ao fascismo com a questão da obtenção de títulos honoríficos²⁸ e reproduz o raciocínio do *Il Risorgimento* que explicava o apoio dos "graúdos" ao fascismo pela trilogia "indolência, ambição e medo"²⁹. Ele substitui, porém, "indolência" por "interesse":

"Os graúdos são todos fascistas. Parte por interesse, parte por medo, parte por ambição. Por interesse aqueles que tem relações com a Itália e submetem-se à extorsão para não serem prejudicados. Por medo porque muitos tem "rabo de palha" e temem que do passado surjam os fantasmas de suas culpas". Por ambição aqueles que, como o "Marquês do Guaraná" querem servir-se do fascismo, dos seus agentes, para subir na escala social."³⁰

Frola tem um pensamento, assim, menos suave no tocante aos "graúdos", identificando certos interesses (e não apenas a "indolência") que os levavam a ser fascistas. É fato que ele não sai de um padrão socialista de análise (ele não relaciona o apoio ao fascismo da burguesia ítalo-paulista com uma posição de classe, por exemplo), mas parece que

²⁷ "L'assalto alla Società Italiana di Beneficenza Umberto I", *La Difesa*, 14 de abril de 1929. Ver também Libero Battistelli, "Ancora la Crociera", *La Difesa*, 21 de julho de 1929.

²⁸ Ver, por exemplo, "Telefonate", *Il Risorgimento*, 7 de fevereiro de 1929 e "La Caccia al Blasone", citado.

²⁹ Ver "Le prime responsabilità. Ai maggiorenti della colonia", citado.

³⁰ Ver "La provocazione fascista. Le responsabilità dei "graudos" coloniali", *La Difesa*, 20 de janeiro de 1929 e "Colonia italiana e bivacchi fascisti", citado.

ele é um pouco menos tolerante com os "graúdos" que Piccarolo. Razão extra para não merecer o apoio desses homens, que sempre demonstraram, como já dito, suas fortes ligações com o fascismo.

A análise da relação dos "graúdos" com o grupo Mariani também nos confirma a força do apoio "graúdo" ao fascismo. Realmente, é interessante notar como os concentracionistas alteram, na sua segunda fase no Brasil, aquele padrão de tolerância que havia sido sua característica chave no período precedente, de domínio de uma pessoa que sempre havia tido boas relações com os industriais como Piccarolo. Os "graúdos" passam, de fato, a ser atacados diretamente e, pela primeira vez dentro do antifascismo, passam a ser nomeados. Surgem daí acusações diretas contra Matarazzo, Crespi e outros "graúdos"³¹ que são interessantes, na nossa opinião, por indicarem uma radicalização do pensamento antifascista no Brasil. Ao abandonarem o padrão anterior, os concentracionistas parecem estar respondendo, de fato, a uma constatação chave: nem com toda a moderação que haviam demonstrado eles haviam conseguido afastar os "graúdos" do fascismo. Sendo assim, nada mais lhes restava que radicalizar e partir para o conflito aberto. E foi o que ocorreu.

Vemos, portanto, que também não é na burguesia industrial que se deve buscar a localização da base popular do antifascismo socialista. Devemos retornar, pois, à questão que trabalhávamos inicialmente: a partir dos anúncios e subscrições, o que podemos apreender a respeito

³¹ Cf., por exemplo, "Percepismo e fascismo", *La Difesa*, 15 de fevereiro de 1931; "Tirapiiedi peggiori dei ladroni", *La Difesa*, 5 de setembro de 1931. Um outro artigo interessante é "I sistemi fascisti di Matarazzo e Crespi contro gli operai non dovranno prevalere in Brasile, paese libero e civile", *La Difesa*, 1 de agosto de 1931, onde se inicia uma crítica feroz contra Matarazzo, solidarizando-se com os têxteis em greve. O artigo é, porém, censurado, o que nos revela os estreitos limites em que os antifascistas trabalhavam quando desejavam entrar nas lutas operárias brasileiras: a censura governamental estava sempre sobre eles.

da base social do antifascismo socialista italiano de São Paulo?

As bases populares do grupo

O primeiro aspecto que nos chama a atenção é a presença maciça, dentre os anunciantes dos jornais antifascistas de representantes da pequena burguesia dos serviços de origem italiana: são escritórios de advocacia, pequenas lojas e oficinas mecânicas e elétricas, alfaiatarias, tinturarias, etc. A primeira conclusão que poderíamos tirar, portanto, é que o antifascismo tem uma sólida penetração entre a pequena burguesia do comércio de origem italiana de São Paulo.

Essa constatação esbarra, porém, num exame mais detalhado dos anunciantes. Percebeu-se, após acompanhar os jornais antifascistas por um tempo maior, que a circulação dos anunciantes nesses jornais era mínima, ou seja, são os mesmos anunciantes que se repetem, edição após edição, número após número, o que é revelador.

Claro que esse dado, por si só, pouco significaria. Ao cruzarmos, porém, a lista dos anunciantes com a dos subscritores do jornal e com a de militantes antifascistas houve uma coincidência apreciável e reveladora tanto da dedicação como dos limites desses homens.

A dedicação de indivíduos como os comerciantes Giuseppe Scarrone³², do Rio de Janeiro, Achile Robba (também da Associazione

³² Giuseppe Scarrone é um típico militante que mereceria um estudo biográfico mais sério. Emigrado há anos no Brasil, desenvolveu uma febril atividade antifascista, participando de Congressos e Associações, escrevendo - por conta própria - livretos e opúsculos antifascistas, etc. Também fez uma curiosa experiência cooperativa em sua indústria - "Fabrica Nacional de Vidros" - repartindo o lucro com seus operários e clientes. Mereceria, de fato, uma atenção maior. Sobre ele, além de contínuas

Combattenti Italiani Liberi em 1929), Giuseppe Cerrutti e Giovanni Giacobbe; dos advogados Bertho Condé (contínuo defensor dos antifascistas nos processos na justiça brasileira) e Gudulo Bornacina; dos mecânicos/artesãos Miguel Chiara e Vertua Chiodaroli, dos alfaiates Francisco Rizzaro e Primo Batistoni; dos médicos Gabriel Covelli e Francesco Finocchiaro (membro de várias associações antifascistas) e de tantos outros merece ser recordada e revivida como um tributo a homens que mantiveram a fé naquilo em que acreditavam, ano após ano, sem esmorecer jamais frente às pressões e problemas.

Nossa admiração pela fidelidade desses antifascistas só cresce quando temos em mente as inúmeras dificuldades e pressões que eles sofriam para manter a sua militância. De fato, não apenas eles viviam sob contínua vigilância do Consulado e da Polícia, mas também eram submetidos a toda uma série de artifícios destinados a tornar a vida difícil: eram-lhes negados postos de trabalho³³ e serviços consulares³⁴, obrigando os antifascistas a lutar muito para sobreviver³⁵. Suas empresas e micro-empresas também sofriam campanhas de boicote

referências esparsas, "Per avere una cittadinanza", *La Difesa*, 8 de maio de 1926.

³³ Angelo Trento, *Do outro lado do Atlântico*, citado, pp 360 a 363, menciona como Piccarolo, Felice Orlandi e outros professores e jornalistas antifascistas foram afastados, por pressão consular, das escolas e jamais onde trabalhavam. Em "Pax...fascista", *Il Risorgimento*, 16 de março de 1928 também se descrevem os artifícios e manobras destinadas a fazer os antifascistas perderem seus empregos e negócios.

³⁴ O caso de Felice Campolonghi, irmão do presidente da Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo, Luigi Campolonghi, a quem foi negado o passaporte para se unir ao irmão na França, mobilizou a imprensa antifascista por um bom tempo entre 1928 e 1929. Não vinha de outra fonte, aliás, a posição do antifascismo de Piccarolo de que o consulado não devia ser fascista, mas italiano, atendendo a todos os conacionais que o procurassem.

³⁵ Angelo Trento, *Op.cit.* p. 361, mostra casos de antifascistas como o de Bixio Picciotti (arquiteto que teve que trabalhar como apontador no porto de Santos), que tiveram de aceitar trabalhos humildes para sobreviver.

promovidas pelo Consulado, o qual tentava negar aos antifascistas os meios de subsistência:

"Sempre pensei que houvesse italianos demais - ou, pelo menos, indivíduos que tem um sobrenome etimologicamente italiano - anunciando no *La Difesa*. Ninguém pode impedir tal coisa, é verdade. Mas não seria patrioticamente útil chamar a atenção dos bons compatriotas para que nunca comprem nada das empresas que anunciam no *La Difesa*? Eu poderia transcrever os nomes aqui, mas o senhor não os publicaria. Convide, ao invés disso, como o senhor sabe fazer, seus numerosos assinantes a gastarem, de vez em quando, alguns tostões comprando um exemplar do *La Difesa* a fim de recortarem todos os anúncios, aprenderem-nos de cor e evitarem comprar dos anunciantes."³⁶

Essas perseguições atingiam, às vezes, uma linguagem direta e ameaçadora. Giovanni Giacobbe, militante antifascista, recebeu, por exemplo, a seguinte carta anônima:

"Aviso

Para o seu bem e de sua família. Fique atento em relação a anunciar naquele jornal; é muito perigoso e contra os seus interesses.

amigo da casa"³⁷

Ser um antifascista era, portanto, um ato que trazia represálias consideráveis, o que ressalta ainda mais a coragem e o desprendimento

³⁶ *Il Piccolo*, 28 de abril de 1928. *Apud* Angelo Trento, *Op.cit.*, p. 362. Os antifascistas, por sua vez, lançarão um contra-boicote em relação aos produtos das empresas fascistas.

³⁷ Cf. "Le armi dei villi", *La Difesa*, 25 de abril de 1926.

desses homens que anunciavam e colaboravam com os jornais antifascistas. Ao mesmo tempo, porém, que revela homens de tenacidade e convicções admiráveis, a confluência de nossas listas revela os estreitos limites em que a propaganda antifascista girava: eram sempre os mesmos homens que anunciavam no jornal e que trabalhavam por ele. Os indícios dos limites da penetração da propaganda antifascista são, pois, evidentes.

O exame da atuação de Francesco Frola no fim dos anos 20 torna esse quadro um pouco menos negro: Frola consegue um aumento brutal do número de anunciantes e especialmente do de subscrições para o *La Difesa*, parecendo conseguir extrapolar os estreitos limites em que a propaganda do jornal se debatia no período Piccarolo.

Essa situação de maior contato do jornal com as massas italianas de São Paulo é um indicativo precioso de que havia um espaço para a atuação do antifascismo em São Paulo, espaço este que a maior atividade de Frola conseguiu, ao menos em parte, preencher. Não devemos, porém, perder o bom senso e superestimar essa situação: é verdade que o número de italianos antifascistas parece crescer bastante com Frola, mas também é verdade que as centenas ou milhares de subscritores que aparecem no *La Difesa* sob Frola continuam representando pouco frente à massa de dois milhões de italianos ou descendentes³⁸ que viviam em São Paulo no entre-guerras.

Como resultado, podemos concluir, ao menos no estágio atual das pesquisas que se desenvolvem sobre o tema, por uma penetração muito limitada do antifascismo tanto em relação aos italianos da pequena burguesia urbana quanto em relação à colônia italiana como um todo.

³⁸ A estimativa vem de Ricardo Seitenfus, *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos Blocos - O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Cia Editora Nacional, 1985, parte II, capítulo 3.

Houve, sim, provas de muita dedicação individual e de sinais de alguma relevância em certos setores da vida colonial. Nada, porém, que justificasse um otimismo como o de Frola e Piccarolo³⁹, para quem o antifascismo era uma força viva e pujante dentro da colônia italiana.

Falamos anteriormente em "relevância em certos setores da vida colonial". Por esse termo traduza-se Maçonaria. Esta, de fato, jamais se furtou de apoiar o antifascismo, sendo conveniente examinar esse apoio com um pouco mais de atenção.

A Maçonaria

As relações dos líderes antifascistas com a Maçonaria eram antigas. Piccarolo era um notório maçom desde seus tempos na Itália, tendo liderado os elementos maçônicos italianos de São Paulo, em meados dos anos 10, na formação de um Grande Oriente autônomo, sendo também presença contínua nas atividades e trabalhos desenvolvidos pelas lojas maçônicas de São Paulo no início do século⁴⁰.

Frola também tinha uma boa relação com a Maçonaria. Esta relação parece ser menos intensa que a de Piccarolo, mas ainda assim

³⁹ Cf. "Nel fronte unico", *Il Risorgimento*, 1 de abril de 1928; "Nella Pattumiera", *La Difesa*, 8 de janeiro de 1928; "La propaganda in Italia (Istruzioni Pratiche)", *La Difesa*, 5 de fevereiro de 1928 e "La Banca Popolare contro il Brasile", *La Difesa*, 10 de março de 1929, entre outros.

⁴⁰ Algumas das informações a seguir foram extraídas de Ângelo Trento, *Op.cit.*, pp. 365-366. Para obras de Piccarolo defendendo a Maçonaria, ver Livio Zambeccari - *Apóstolo da liberdade na América e na Europa*, São Paulo, Tipografia Rossolillo, 1935, e *La massoneria e l'Indipendenza Brasiliana*, São Paulo, 1922.

era - apesar das objeções de Piccarolo⁴¹ - sólida e duradoura⁴². Apenas Mariani, entre os principais líderes do antifascismo, parece ter uma ligação menos forte com a Maçonaria.

De qualquer forma, é interessante acompanhar a trajetória das lojas maçônicas de São Paulo no tocante ao fascismo e ao antifascismo. Com o advento do fascismo na Itália e com o início da sua campanha anti-maçônica, as lojas maçônicas pertencentes aos italianos de São Paulo primeiro eliminaram os fascistas de seu seio, passando depois a apoiar decisivamente o antifascismo de Piccarolo: foi com subscrições das lojas Andrea Costa e Guglielmo Oberdan que o *La Difesa* se sustentou entre 1923 e 1925; o *Il Risorgimento* foi mantido principalmente com fundos da loja Aquila Romana; a maioria das subscrições aos jornais se origina, ano após ano, das lojas maçônicas; eram os maçons que financiavam as viagens de Frola⁴³, etc.

Essa situação de apoio maçom também é evidente em aspectos além-financeiros: as reuniões do Partito Repubblicano Italiano e da Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo aconteciam sempre no templo maçônico da Rua José Bonifácio, onde também estava localizada a redação do *Il Risorgimento*; eram feitas cerimônias conjuntas dos órgãos antifascistas com as lojas maçônicas⁴⁴, era nas lojas da Maçonaria que Frola

⁴¹ Piccarolo, *Il fenomeno Frola*, São Paulo, sem editor, 1934, pp. 73 e seguintes, acusa Frola de não ser um verdadeiro maçom de fato, mas apenas de se passar por tal para usufruir dos recursos da organização.

⁴² Cf. seu romance *La strage di Firenze*, São Paulo, Casa Editrice Libertà, 1926, reedição de uma edição italiana mais antiga, onde Frola condena a violenta campanha do fascismo contra os maçons.

⁴³ Cf., por exemplo, "Frola recebido pela Maçonaria Brasileira", *La Difesa*, 23 de dezembro de 1926; "Vargem Grande accoglie trionfalmente l'on. Frola", *La Difesa*, 3 de junho de 1928 e "L'on. Francesco Frola applauditissimo a Jahú ed a Bariry", *La Difesa*, 23 de setembro de 1928.

⁴⁴ Cf., por exemplo, os artigos "LIDU", *Il Risorgimento*, 1 de junho de 1928, e "Commemorazione Massonica dell'On. Giovanni Amendola", *La Difesa*, 25 de abril de 1926.

discursava quando de suas viagens pelo interior⁴⁵, etc. O relacionamento desse grupo de antifascistas com a Maçonaria é, pois, mais que evidente⁴⁶.

Note-se, aliás, que a imprensa fascista vai se aproveitar desse inegável apoio maçom⁴⁷ aos antifascistas para apresentar o antifascismo como uma maquiavélica conspiração organizada e dirigida pela seita secreta e perigosa que era a Maçonaria⁴⁸. Os antifascistas novamente terão que responder a isso, ressaltando os excelentes serviços prestados pela Maçonaria à Itália⁴⁹ e deixando claro, para todos e especialmente

⁴⁵ Cf., por exemplo, "Dai nostri corrispondenti", *La Difesa*, 9 de dezembro de 1926; "Le giornate di Rio dell'on. Frola", *La Difesa*, 30 de dezembro de 1926, e "La nostra propaganda nell'interno - Una magnifica giornata antifascista a Piracicaba", *La Difesa*, 19 de maio de 1927.

⁴⁶ É interessante notar como os indícios de apoio maçônico direto aos jornais antifascistas flutuam conforme o líder que está no comando. No *La Difesa*, isso é muito claro. Quando da gestão de Frola e Piccarolo, o apoio maçônico é aberto e claro. Na gestão Mariani (que consta não ser maçom), porém, os sinais desse apoio desaparecem, o que é relevante por indicar as dificuldades do antifascismo em formar uma sólida base de apoio em São Paulo.

⁴⁷ Esse apoio, aliás, não é restrito ao caso brasileiro. Franco Andreucci, *Il Movimento Operaio Italiano - Dizionario Biografico 1853-1943*, Roma, Riuniti, 1975, vai nos revelar a substancial presença maçônica no seio da Concentrazione enquanto Maria de Lujan Leiva, "Il movimento antifascista italiano in Argentina 1922-1945" In B. Bezza, *Gli italiani fuori d'Italia*, Milano, Franco Angeli, 1983, nos indica como, também na Argentina, grande parte dos expoentes de vários partidos e associações antifascistas eram maçons.

⁴⁸ Cf. o discurso do cônsul Mazzolini durante a comemoração da fundação do fascio, realizada no teatro dos salesianos de São Paulo em março de 1928, em "Nel fronte unico", *Il Risorgimento*, 1 de abril de 1928, e para uma crítica de caráter mais amplo, as insinuações fascistas de que todo o dinheiro da Concentrazione proveria de fontes maçônicas, procurando descaracterizar o seu esforço para atrair recursos e apresentá-los como agentes a serviço de forças secretas anti-italianas. Cf., a respeito, Bruno Tobia, *Op. cit.*, pp. 425 e seguintes.

⁴⁹ Cf., por exemplo, "La nostra italianità e quella di certi signori", *Il Risorgimento*, 1 e 16 de agosto

para aqueles maçons que aderiram ao fascismo, a incompatibilidade entre a "horda fascista" e a Maçonaria⁵⁰

Essa presença apreciável de maçons na luta antifascista em São Paulo não deve, porém, ser superavaliada. Pela sua baixa consistência numérica e pelo seu próprio caráter de associação secreta, a Maçonaria nunca poderia ter fornecido o apoio de massa que o antifascismo necessitava para decolar. Eles forneceram uma base intelectual e material que, a nosso ver, foi de importância fundamental na manutenção de um pensamento e de uma ação antifascista na São Paulo dos anos 20 e 30. Isso não nos autoriza, no entanto, a superestimar essa participação. Mesmo com o apoio maçônico, o antifascismo continuará, ao que tudo indica, com uma base popular restrita e politicamente frágil e isso deve ser destacado.

Ligações dos antifascistas com os políticos brasileiros

As primeiras questões a serem respondidas nesse sub-item são simples e óbvias: havia ligação dos antifascistas socialistas italianos com políticos brasileiros? Em caso afirmativo, que políticos eram estes e o que essa colaboração significou para o movimento?

A primeira questão é de fácil resposta: havia, apesar de todo o cuidado dos antifascistas em se mostrarem neutros frente à política nacional, alguns contatos com políticos brasileiros. Apesar disso, não se localizam contatos diretos com partidos políticos locais (à parte algum contato com o Partido Democrático de São Paulo⁵¹), mas sim com

de 1928.

⁵⁰ Cf. "Massoneria e fascismo", *Il Risorgimento*, 11 de julho de 1929.

⁵¹ Para a presença de representantes do Partido Democrático num funeral antifascista em 1927, cf.

homens: Evaristo de Moraes, Nicanor do Nascimento, Azevedo Lima, Agripino Nazareth e outros que sempre aparecerão como convidados nas cerimônias dos antifascistas ligados tanto a Frola como a Piccarolo⁵².

O apoio desses homens ao antifascismo socialista italiano de São Paulo (o qual parece ter sido mediado, em grande parte, pelas lojas maçônicas⁵³) apresenta variações no decorrer do tempo (1926, por exemplo, é um ano de intensa colaboração entre Frola e Evaristo de Moraes, enquanto em outros anos essa colaboração é menor) mas é inegável⁵⁴. Esta é, de fato, a única ponte⁵⁵ que os socialistas italianos de

"Funebri", *La Difesa*, 13 de março de 1927 e o contínuo relacionamento de um importante antifascista - Bertho Condè - com o Partido Democrático. Ver Bertho Condè, *Sugestões ao Primeiro Congresso do Partido Democrático em São Paulo*, São Paulo, sem editora, 1926. Note-se, aliás, que não é de se estranhar a existência de algum tipo de relacionamento entre o Partido Democrático e o socialismo italiano de São Paulo: O Partido Democrático defende, em essência, um reformismo social que se aproximava bastante dos ideais reformistas da maioria desses antifascistas. Sobre o Partido Democrático, ver Vamirch Chacon, *História dos Partidos Políticos*, Brasília, Editora da UnB, 1981 e Maria Lígia Coelho Prado, *A Democracia Ilustrada (O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934)*, São Paulo, Ática, 1986.

⁵² Cf., por exemplo, "Dai nostri corrispondenti", *La Difesa*, 9 de dezembro de 1926; "Le giornate di Rio dell'On. Frola", *La Difesa*, 30 de dezembro de 1926; "La commemorazione del Terzo Anniversario dell'assassinio di Matteotti", *La Difesa*, 5 de junho de 1927, entre outros.

⁵³ A mesma situação transparece na Argentina: Ronald Newton, "Patria? Cuál Patria? Italo-argentinos y germano argentinos en la era de la renovación nacional fascista, 1922-1945", *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 7, 22, setembro/1992, demonstra como eram as redes de lojas maçônicas que permitiram aos fuorusciti entrar em contato com seus pares argentinos.

⁵⁴ Ainda no final da década de 1930 estas relações, ao menos no plano intelectual, permanecem: Evaristo de Moraes vai prefaciar os livros *A economia espontânea do povo: a cooperação livre e O Trabalho e o Salário* de Frola, e Piccarolo vai prefaciar o livro *Os Judeus* de Evaristo de Moraes.

⁵⁵ Note-se que tanto o grupo de Piccarolo como o de Frola procuram manter aberta essa ponte com os socialistas reformistas brasileiros. No período Mariani, porém, os sinais de contato desaparecem, o

São Paulo conseguiram fazer na sua luta contra o fascismo (ao menos no período que estamos estudando⁵⁶) e é de interesse, portanto, que estudemos melhor estes personagens, com ênfase no mais relevante deles, Evaristo de Moraes⁵⁷.

Evaristo de Moraes, advogado e maçom, nasceu em 1871 e labutou nas causas abolicionista e republicana na adolescência. Militou nos frágeis partidos operários e socialistas do fim do século XIX e início do XX, os quais esperavam obter conquistas através da ação política do proletariado e o sufrágio universal, e denunciou a exploração e as condições de vida e de trabalho dos operários, pregando a legislação social, direitos trabalhistas e a criação de cooperativas de consumo para resolver a questão social.

No início do século XX, continuou a acumular sucessos na carreira de advogado e a agitar nos meios socialistas reformistas do Rio de Janeiro, defendendo a legislação social para o trabalhador e a mudança social pela propaganda e pelo sufrágio universal. Com tal plataforma, candidatou-se a deputado em 1918, pelo Partido Socialista.

Em 1920 funda, ao lado de outros socialistas reformistas como Nicanor do Nascimento, Maurício de Lacerda e Agripino Nazareth, a sessão brasileira do grupo Clartè⁵⁸, criando um grupo fortemente

que pode indicar uma percepção diferente no tocante à formação de alianças com forças políticas locais, da parte de Mariani e Cilla.

⁵⁶ Conforme o já observado antes, Frola tinha mais livre trânsito entre as esquerdas e parecia ir se aproximando mais e mais da extrema esquerda no decorrer dos anos 30, o que lhe possibilita ampliar os contatos com forças brasileiras semelhantes.

⁵⁷ As informações biográficas sobre Evaristo de Moraes foram extraídas de Evaristo de Moraes Filho, "Introdução" In Evaristo de Moraes, *Reminiscências de um rábula criminalista*, Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Brighiet, 1989.

⁵⁸ As informações a seguir foram retiradas de Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, "O grupo Clartè no Brasil: da Revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho" In Arnoni Prado, *Libertários no*

reformista e estatizante. Em 1925, funda um novo Partido Socialista; em 1928 ajuda a criar o Partido Democrático e em 1929 entra na Aliança Liberal contra Washington Luís.

Nos anos 30, finalmente, Evaristo de Moraes e seus colegas do Clartè e da luta antifascista encontrarão um meio de implementar suas idéias: o novo governo varguista, preocupado com a questão social. Eles se tornarão membros proeminentes do Ministério do Trabalho (Evaristo de Moraes, por exemplo, ficou no Ministério de 1930 a 1932 e foi responsável por parte da legislação trabalhista. Só rompeu com Vargas por sua tendência autoritária) e assim ficarão por anos.

Essa aliança, segundo Hall e Pinheiro, não é de surpreender: o regime tinha poucos laços com os trabalhadores urbanos e pouca experiência na legislação trabalhista que se pretendia impor. Já os "ex-clartistas" há muito procuravam um regime que oferecesse uma administração "científica" do problema social e reformismo. A aliança foi, pois, natural.

Os antifascistas brasileiros a quem os antifascistas italianos davam tanto crédito e atenção acabaram, portanto, como funcionários de um regime com claros componentes fascistas em sua constituição como o de Vargas. Uma ironia da história, que revela a singularidade da luta antifascista italiana no Brasil.

A colaboração entre esses socialistas reformistas brasileiros e os antifascistas socialistas italianos não surpreende, dado que suas concepções de luta e de transformação social eram semelhantes. Resta, porém, descobrirmos se esta colaboração rendeu ao antifascismo italiano de São Paulo algo mais sólido que simples palavras. Em resumo: a

colaboração com estes socialistas reformistas trouxe ao antifascismo o apoio político de que ele tanto necessitava?

A resposta é não. O apoio dos socialistas reformistas brasileiros rendeu poucos dividendos aos antifascistas italianos e isso por uma razão muito simples: sua própria base de apoio era frágil em excesso para que eles pudessem oferecer ajuda a alguém.

Segundo Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro⁵⁹, houve diversos fatores que inviabilizaram o surgimento de verdadeiros partidos reformistas no Brasil da República Velha: a intransigência da burguesia, a repressão, o clima asfixiante da República Velha, etc. Tais fatores serviram para impedir o surgimento de um partido socialista capaz de aglutinar os socialistas reformistas brasileiros. Eles tentaram, é verdade, formar esse partido por todos os anos 20 e seu fracasso demonstra, mais que tudo, a inviabilidade do reformismo no Brasil da Primeira República.

A fragilidade dos socialistas reformistas no Brasil dos anos 20 está, pois, mais que clara. Sendo tão frágeis politicamente, não é difícil entender como seu apoio ao antifascismo pouco significou. Não se repetirá no Brasil a bem sucedida incursão antifascista ao mundo oficial como ocorreu, por exemplo, na Argentina (aprovando leis contra o fascismo no Parlamento) por meio do apoio das estruturas políticas locais⁶⁰. O antifascismo socialista italiano do Brasil verá mais uma vez negado, portanto, seu sonho de atingir o governo brasileiro, com todas as implicações daí decorrentes.

⁵⁹ Cf. nota 54.

⁶⁰ Cf. Maria de Luján Leiva, *Op.cit.*